



Lula recebe apoio de governadores (Foto: R. Stuckert)

### Em pauta

## Questões que estão em jogo no segundo turno

No segundo turno, precisamos manter o voto de quem nos apoiou no primeiro turno. E precisamos conquistar os votos de quem votou nulo e branco, de quem se absteve, de quem votou nas demais candidaturas, inclusive de quem votou em Alckmin.

Há basicamente três motivos que podem levar um eleitor a votar em Lula.

O primeiro deles é o reconhecimento daquilo que fizemos desde janeiro de 2003. O segundo motivo é a esperança de que faremos mais e melhor, num segundo mandato. Já o terceiro motivo é impedir que a turma de FHC volte ao governo federal.

Geraldo Alckmin representa, nesta campanha eleitoral, aquilo que Collor, FHC e José Serra representaram, cada qual a seu modo, nas eleições de 1989, 1994, 1998 e 2002: a direita, as forças conservadoras, as elites que não aceitam que o país seja governado por um presidente de origem popular.

Claro que Alckmin não assume que é de direita. Fala que é um homem de centro. Numa inesperada demonstração de que tem vocação para humorista, chegou a declarar à imprensa que está à nossa "esquerda". E geralmente dissimula sobre o que faria, caso fosse eleito presidente.

Numa das poucas vezes em que foi explícito, Alckmin defendeu a Área de Livre Comércio das Américas (Alca), proposta elaborada pelo governo norte-americano e que causaria total destruição da economia brasileira.

Fica claro, portanto, que num governo Alckmin a política externa mudaria. Sairia a relação com os países do Sul do mundo, acabaria a política de integração

continental, cessaria a relação prioritária com o continente africano. E voltaria, no seu lugar, a subordinação do Brasil à política dos EUA.

Se Alckmin nem sempre abre o jogo, outros tucanos são mais explícitos e revelam que, num eventual governo Alckmin, a Petrobras, o Banco do Brasil, a Caixa Economia Federal entrariam na fila da privatização.

As privatizações foram o grande escândalo do governo FHC, suplantando inclusive casos como o Sivam e a compra de votos para a reeleição. Por conta delas e da falta de planejamento, o país enfrentou o racionamento de energia elétrica. Aliás, o vice de Alckmin foi ministro da Energia exatamente na época do apagão.

Apesar disso e por incrível que pareça, outro dos mantras do candidato tucano é a promessa de que faria um "choque de gestão" na administração federal. Resta saber se ele, quando fala de "choque", refere-se ao que provocou no estado de São Paulo, que exhibe um imenso rombo nas contas públicas. O rombo é tão grande que o governador Cláudio Lembo chegou a dar luz verde para a privatização da Nossa Caixa, voltando atrás, com medo das repercussões eleitorais.

Como lembrou recentemente Guido Mantega, ministro da Fazenda do governo Lula, Alckmin fala muito em reduzir os "gastos públicos", mas não esclarece o que quer dizer com isto. Façamos nós a tradução para o português corrente: quanto Alckmin falar em cortar gastos, entendamos o seguinte: um governo tucano-pefelista reduziria o orçamento da bolsa-família, da saúde, da educação e de outras áreas sociais.

Alckmin gosta de falar, também, de crescimento e geração de empregos. Todo candidato fala disto. Mas o que aconteceu com os empregos nos oito anos de governo FHC e nos doze anos de governo tucano no estado de São Paulo? Cresceram ou caíram? E o que aconteceu com o crescimento econômico do país e do estado? Aumentou ou diminuiu?

São estas e outras questões que estão em jogo no segundo turno. Haverá mais ou menos investimentos públicos em áreas como energia, comunicações, rodovias, saneamento básico, educação, saúde?

A política cultural manterá o caráter estratégico, de política de Estado, ou voltaremos à época em que política cultural se confundia com o financiamento privado?

Seguiremos diminuindo as desigualdades no Brasil, mediante políticas sociais redistributivas, como o micro-crédito, o aumento do poder aquisitivo real do salário mínimo, a diminuição do preço dos produtos da cesta básica, a Bolsa Família, o Luz para Todos? Ou estas políticas acabarão ou perderão importância?

Os movimentos sociais serão respeitados? Ou teremos de volta a criminalização e a repressão contra os movimentos sociais?

São essas e outras questões que estarão em jogo no segundo turno. Diante disso ninguém pode ser neutro, ninguém pode ser equidistante, ninguém pode ser indiferente.

## Agenda

5/10 **Setorial do Meio Ambiente reúne-se nesta quinta**

8/10 **Debate na Band às 20h**

## Leia também

» **Lula recebe o apoio de oito governadores eleitos** [\[+\] Leia mais](#)

» **PT faz a 2ª maior bancada de deputados federais**  
[\[+\] Leia mais](#)

» **Sérgio Cabral declara apoio a Lula** [\[+\] Leia mais](#)

Clique para visitar o site oficial da campanha de Lula, clique no botão ao lado ou digite no navegador: [www.lula13.org.br](http://www.lula13.org.br)

**Antivirus** é um boletim publicado sob responsabilidade da coordenação de internet da campanha Lula. **Coord. geral:** Marco Aurélio Garcia. **Coord. de internet:** Valter Pomar. Em caso de problemas com a visualização leia o boletim [neste link](#).

Caso você não queira mais receber este boletim [clique aqui](#) ou mande uma mensagem para [faleconosco@lula13.org.br](mailto:faleconosco@lula13.org.br) com o assunto "Cancelar envio".